

Hip Hop e Rap: história e manifestações orais no contexto londrinense

Andressa MASSONI (G/PIBIC/CNPq/UUEL)

Frederico Augusto Garcia FERNANDES (ORIENTADOR/UUEL)

No projeto “Leitura, Ritmo e Poesia: prática de poéticas orais entre rappers londrinenses” focalizamos nossos estudos no rap, o qual se caracteriza por uma poesia oral, que carrega um discurso marcadamente crítico, em que se apresenta a realidade da população periférica e traz, conseqüentemente, implicações sociais e culturais. Nosso objetivo principal consiste em analisar as produções de rappers da zona Oeste de Londrina de modo a compreender os elementos culturais nelas presentes. Assim, as entrevistas de história oral bem como a leitura de uma vasta bibliografia que versa sobre cultura, poesia oral e rap foram as principais fontes coletadas para desenvolver nossa pesquisa de iniciação científica, em que alguns dos resultados obtidos se encontram neste trabalho: começaremos com um breve relato sobre a história do movimento Hip Hop por entendermos que alguns aspectos e temas recorrentes nos raps nos remetem a características que deram origem ao movimento; justificaremos o rap como uma manifestação da poesia oral; a análise da letra do rap “Sétima Trombeta” nos permitirá entrever a transmissão de valores e de uma cultura que pretende contribuir na conscientização de jovens em situação de risco.

O movimento Hip Hop originou-se no Bronx, bairro periférico de Nova York por volta da década de 70. Uma série de conflitos políticos ocorridos na década de 60, como, por exemplo, as leis segregacionistas e a discriminação do negro, além dos discursos de líderes como Malcom X e Martin Luther King Jr., propiciou a manifestação e o protesto da população marginalizada através da música, da rima, da dança e da arte, o que mais tarde se caracterizaria no movimento Hip Hop.

No Brasil, o movimento Hip Hop surge na década de 80, com o break, tendo como centro a cidade de São Paulo. Em Londrina, onde o movimento se inicia mais ou menos no mesmo período, temos a formação de grupos de funk e, posteriormente, surgem

os quatro elementos que integram o Hip Hop. Os rappers desta cidade receberam grande influência dos militantes de São Paulo e também de Brasília.

Atualmente, embora o Hip Hop norte-americano se diferencie do brasileiro, o movimento no Brasil (ainda) não perdeu uma característica que está presente na sua raiz: o tom de crítica e denúncia social, elementos que marcaram todo o discurso de uma população marginalizada e oprimida que lutava por seus direitos e buscavam, através da música, manifestar sua realidade e preservar sua cultura.

Analisamos o rap no contexto da Poesia Oral por entendermos que ele expressa a realidade vivida na periferia e nas favelas da cidade, ou seja, utiliza um contexto coletivo e suas manifestações são “mais comuns do que pessoais”. Por isso, o rap não pode ser analisado sem considerar o contexto no qual está inserido, “isto é, da pessoa que as (o) interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência, em função das quais foram elaboradas e são executadas¹” (CANDIDO, 2002, p. 43), pois, enquanto uma poética oral, deve considerar o sujeito a quem se destina e sua intenção. Ele está ligado ao tempo e ao espaço da atualização do performer: sem essa relação, a obra estaria descontextualizada. O interlocutor exerce um papel fundamental, pois é a ele que se dirige a obra poética. Essas características peculiares da oralidade são encontradas no rap. Daí, resulta o fato de o rap se configurar numa manifestação artística oral.

Os estudos referentes à oralidade contribuem para amenizar os preconceitos que cercam este tema. Devemos tratar o oral como uma manifestação mais ampla, valorizando “o papel da voz enquanto geradora e reprodutora de sentidos” (FERNANDES, 2003, p. 18)². Os rappers utilizam a voz para expressar sua ideologia e constituir sua identidade, além de contribuir no desenvolvimento cultural da periferia.

Na zona Oeste de Londrina, constatamos a existência de três grupos: Z.O. Family – grupo de rap gospel, Conexão Verbal e Relato Cruel. Para desenvolver este trabalho, escolhemos apenas o segundo, que apresenta em seu rap “Sétima Trombeta” dois temas: a recorrência aos valores cristãos (tema que norteia a narrativa cantada) e à violência.

Este rap se constitui por uma paráfrase de dois livros da bíblia (*Gênesis* e *Apocalipse*). Começa pelo livro de “Gênesis” – “A criação” – que trata sobre a criação do mundo: “o primeiro dia” (versículo 1 – 5). O rap se inicia da seguinte forma:

**No princípio
Deus criou o céu e a terra
A terra, porém era informe e vazia
As trevas cobriam o abismo
Mas o espírito de Deus pairava por sobre as águas
Disse Deus: “Haja Luz” e houve luz
Viu Deus que a luz era boa e Deus separou a luz das trevas
Deus chamou luz de dia e trevas de noite
Houve tarde; houve manhã
E houve um primeiro dia**

Nesta primeira estrofe é feita uma “capela”, ou seja, o rap é apenas falado, voz, sem nenhuma base (música). O tom grave da voz do rapper cria um certo ar de suspense, realçado pelo próprio título atribuído ao rap. A partir do significante, a junção de elementos sonoros como ritmo e voz, cria-se uma imagem, que, segundo Bakhtin, “é uma formação estética singular realizada na poesia com a ajuda da palavra³”. (Bakhtin, apud Machado, p. 84). Esta imagem representa o ponto de vista do rapper em relação ao mundo que o cerca; sua própria realidade; a leitura da palavra-mundo que é transmitida no rap. Como afirma Zumthor em *Introdução à Poesia Oral*, “a imagem da voz mergulha suas raízes numa zona do vivido que escapa às fórmulas conceituais” (1997; p. 12). Os rappers utilizam a voz para expressar uma ideologia e constituir uma identidade.

No decorrer da música, como uma retomada histórica, o rapper fala da criação do mundo segundo a Bíblia, Adão e Eva, e com a desobediência da mulher em ter comido a maçã iniciou-se o “fim do mundo”. Depois, o fim do mundo pela água; a crucificação de Jesus na cruz; enfim, relata alguns elementos bíblicos além de pregar valores como a prática religiosa (“ir pra igreja e rezar”; a salvação pela fé; ser como criança para alcançar o reino dos céus) que representam uma herança, cujos valores estão arraigados nas normas de conduta de uma sociedade.

O rap faz menção à sétima trombeta, anunciada pelo livro do Apocalipse, o qual causa uma certa atração em nosso meio social. A intertextualidade existente neste rap

com a Bíblia é bastante evidente. De acordo com a Bíblia (Apocalipse), havia um Livro selado que somente poderia ser aberto pelo Cordeiro redentor. Este livro possuía sete selos, sendo que este último anunciava a “visão das sete trombetas”. Cada vez que um anjo tocava uma trombeta, vinha uma grande desgraça a fim de que os pecadores se arrependessem; foram tocadas apenas seis trombetas que vitimaram um terço do mundo: terra, mar e céu. Antes do anúncio da sétima trombeta, houve um tempo em que os povos foram perseguidos: aqueles que continuavam no pecado foram derrotados por Deus e aqueles que seguiram suas palavras foram salvos. Eis que soa a última trombeta, com a qual se anuncia a soberania de Deus sobre o mundo.

“Irritaram-se os pagãos, mas eis que sobreveio a tua ira e o tempo de julgar os mortos, de dar a recompensa aos teus servos, aos profetas, aos santos, aos que temem o teu nome, pequenos e grandes, e de exterminar os que corromperam a terra” (Apocalipse, 11: 18)

Esta idéia é expressa claramente no refrão, em que se faz um chamado para que as pessoas se arrependam antes de soar a sétima trombeta, pois depois disso, virá o julgamento final:

**Venha meu irmão, se arrependa enquanto é tempo
Não deixe pra se arrepender no último momento
Porque quando Jesus vier vai ser a maior treta
Tudo estará acabado quando soar a sétima trombeta**

Para justificar esta postura da prática religiosa, o rapper lembra que virá o dia do julgamento final e “não adianta ter dinheiro, carro ou aviões”: se você estiver no pecado, o inferno será seu destino. E que este arrependimento não se dê apenas na morte, mas que se busque a Deus em outras situações cotidianas da vida.

Nos últimos trechos do rap, ressalta-se que de cada pessoa será julgada conforme as escrituras do livro da vida: se seus atos forem ruins, “cairão no abismo”, ou seja, irão para o inferno.

**Não tem jeito, Deus já me viu
Chegou perto de mim e o livro ele abriu
Começou a falar sobre toda a minha vida
Desde quando era pequeno, vou virar alma perdida
Brigas com a mãe, com o pai e até mesmo cunhado**

**Até meus pensamentos, agora serei condenado
[a sentença] Com certeza não será boa, não fui um bom homem
Matei dois, o pecado me consome
Mandou eu ir pelo lado esquerdo aonde é que eu vou
Tô caindo num abismo, está quente, acabou**

**E então eu vi um grande trono branco
E alguém que nele estava sentado (...)
E vi os mortos: grandes e pequenos de pé em cima do trono
Foram abertos livros, e ainda outro livro que era o livro da vida
Os mortos foram julgados segundo o que tava escrito neste
livro
Conforme suas obras**

Apocalipse, São João

O mais interessante é que eles deixam bem claro que “os mortos foram julgados segundo o que tava escrito neste livro, conforme suas obras”, o que significa dizer que o julgamento é um ato individual, em que o homem será julgado em concordância de suas próprias ações. Por isso, o refrão da música faz uma evocação para que os pecadores se arrependam. A descrição do julgamento final (trono branco, mortos, livros) representa também uma paráfrase (quase uma reprodução) do livro do *Apocalipse* – “Julgamento geral”.

Esta constante utilização de versos bíblicos desenha uma moral cristã: nota-se uma visão redentora. Deus é representado como um ponto de apoio, de salvação. Esta ordem discursiva cristã é muito forte devido à própria formação cristã do país: a busca de salvação na religião (Deus) consiste numa prática bastante comum na sociedade como um todo. Na periferia, seu significado não é outro: o rap prega seguir o caminho de Deus – caminho do bem – para combater o “mal” (violência, drogas, assassinato) e manter-se longe desses problemas.

Embora a questão da religiosidade seja o tema principal abordado pelo rap, há outra passagem que aborda a violência, tema presente no contexto da periferia. Quando o rapper canta: “**Ninguém recorre a Deus, só a uma 12 no mocó (...)**” ele faz referência ao dia-a-dia violento das periferias, onde não se busca refúgio em Deus, mas sim a uma arma. E daí a necessidade de buscar o conforto espiritual em Deus, pois seria um meio para

acabar com este problema, que retrata a realidade do seu universo (normalmente a periferia) e que é comum a de tantas outras pessoas.

Neste contexto é interessante lembrar que o movimento Hip Hop, em sua origem, apresenta um caráter de conscientização por excelência. Diante da violência que assolava o Bronx – bairro periférico de Nova Iorque – os elementos MC e Dj (que mais tarde uniram-se ao break e ao grafite formando o Hip Hop) atuaram significativamente na diminuição do índice de violência que havia naquele bairro. Afrika Bambaataa (que cria a expressão Hip Hop) é uma figura central nesta história por ter liderado, juntamente com outros grupos, ações que contribuíssem para amenizar a violência que existia no Bronx. De um modo geral, foi dele a idéia de juntar a música e a dança como modo de acabar com as rivalidades entre as gangues: em vez de arma, arte.

Crítica e consciência são elementos básicos no vocabulário do rapper, embora as primeiras letras de rap nem sempre possuíssem um conteúdo crítico e de denúncia social: eram composições mais simples, que foram denominadas “rap estorinha⁴” e posteriormente foram adquirindo uma postura mais consciente perante a realidade social. Dessa forma, o rap denota em suas letras a preocupação em transmitir informação crítica, visando a conscientização, na tentativa de solucionar ou amenizar os principais problemas enfrentados pela sociedade da periferia, principalmente, os adolescentes, que estão mais propícios ao envolvimento com o mundo do crime. Neste sentido, afirmamos que o rap, assim como o movimento Hip Hop, possui uma função social com a periferia e suas letras expressam esta consciência. Elas expressam elementos que representam o cotidiano dessas comunidades, o que possibilita a criação de uma identidade com o rap. Esta identidade se constrói, principalmente, pela linguagem utilizada e pelos elementos culturais que o rap transmite, ou seja, elementos de uma cultura marginalizada.

Assim, a análise do rap nos permite compreender o universo do rapper e seu ambiente (quase sempre a periferia) e as implicações socioculturais que ele expressa, pois não podemos desvincular sujeito / contexto / interlocutor. A transmissão de valores, seja de ordem religiosa ou familiar, adquire um sentido muito mais significativo neste caso, uma vez

que expressa mais que um valor, mas sim uma norma, uma conduta de vida, que se reflete na formação e na postura da população periférica.

¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2002.

² FERNANDES, Frederico A. G. (org). *Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003.

³ MACHADO, Irene A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. São Paulo / Rio de Janeiro: Fapesp / Imago, 1995.

⁴ SPENSY, Pimentel. *O livro vermelho do Hip Hop*. Disponível em: www.realhiphop.com.br/olivrovermelho/spensy_pimentel.htm Acesso em: 15 nov. 2004.